

浮生六记

No Fio Inconstante dos Dias

Memórias de
Uma Vida Flutuante

SHEN FU

VERSÃO DE
Eugénia de Vasconcellos e Manuel S. Fonseca

INTRODUÇÃO, CRONOLOGIA E NOTAS DE
Manuel S. Fonseca

FICÇÃO · LITERATURA

閒情記趣
(二)



ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Das mais altas montanhas, entre as nuvens. 7

NO FIO INCONSTANTE DOS DIAS: MEMÓRIAS DE UMA VIDA FLUTUANTE

PARTE I

Alegrias da vida conjugal. 21

PARTE II

Lembranças sumptuárias; as horas de ócio. 69

PARTE III

Recordações amargas: o infortúnio. 95

PARTE IV

Recordações alegres: as indolentes excursões. 135

Os dias da vida de Shen Fu: uma cronologia. 211

Bibliografia. 215



INTRODUÇÃO

DAS MAIS ALTAS MONTANHAS, ENTRE AS NUENS

Manuel S. Fonseca

Shen Fu nasceu em 26 de Dezembro de 1763, na segunda metade do século XVIII, desconhecendo-se a data da sua morte, que se presume ter ocorrido em 1825, no primeiro quartel do século XIX, embora não haja registo oficial. Terá, portanto, vivido pouco mais de 60 anos.

Foi funcionário público, saltitando de repartição em repartição administrativa, conforme os favores dos diferentes senhores locais e o empenho dos amigos, numa peregrinação constante: no fio inconstante dos dias, uma vida flutuante. Tentou, em pelo menos dois momentos de maior aperto financeiro, ser comerciante. Mas a literatura e a pintura foram, no entanto, o centro da sua vida, do que dá conta este *No Fio Inconstante dos Dias: Memórias de Uma Vida Flutuante*, que pela primeira vez se publica em português, numa versão elaborada a

partir da consulta de traduções de língua inglesa, francesa, espanhola e italiana.

Uma história de amor

No centro deste livro, está uma história de amor, o amor de Shen Fu por Yun, a sua mulher. E o amor dela por ele. Mas essa história de amor correspondido – tão correspondido quanto os espíritos de Shen Fu e Yun se fundem também no amor ao que é imaginação e beleza – cruza-se com histórias de amor filial, com histórias de amor à natureza, com os nunca escondidos desejos amorosos de Shen Fu e de Yun fora do casamento ou trazidos em consentimento para dentro do casamento. Essa história central cruza-se ainda com a penúria financeira, o desalento do desemprego, a torpe intriga, a injustiça da difamação – e se Shen Fu se deixa impressionar, e por vezes abater, pela crueza e mesquinhez com que a vida o confronta, logo ele cujo carácter é o de um homem sensível, generoso e aberto ao espanto com a natureza!

No relato de uma invulgar história de amor, está, afinal, o relato da vida pululante, agitada, da China – ou pelo menos de uma região específica da vasta China –, das artes da poesia e da pintura, do seu património arquitectónico, da sua incontável natureza, da inconstância política, desse universo de concubinas e cortesãs que

se confunde, mas não nos exactos termos, com o que é a nossa ocidentalíssima ideia de prostituição.¹

Esta é uma história de amor, mas é também uma história de sofrimento; é uma história de virtudes, mas também de vícios; de generosidade e de ganância: longe de nos dar uma visão bucólica ou lírica da sociedade chinesa, *No Fio Inconstante dos Dias: Memórias de Uma Vida Flutuante* mostra a vida como ela acontece, com uma aceitação do que de bom ou mau a sociedade e a vida oferecem, longe da revolta ou da cisão constitutivas do olhar ocidental.

A originalidade destas memórias reside também na singularidade do casamento por amor de Shen Fu e de Yun: aos 17 anos. Como se infere dos relatos de Shen Fu, a norma chinesa era a do arranjo de casamento pelos pais, cuja ascendência sobre os filhos era total, incluindo mesmo o direito de o pai ditar a morte do filho por incumprimento das obrigações filiais, situação que a dado momento irrompe também neste livro. Um casamento por amor era uma raridade, e Shen Fu e Yun têm disso plena consciência.

Outra originalidade é a aparição e consagração da tocante figura feminina, Yun, que protagoniza estes

¹ A cortesã cedia favores sexuais, mas nem sempre esses favores estavam à venda. A sua actividade era consentida e mesmo respeitada. Podia ser independente e há casos em que a cortesã alcança um poder significativo, como se refere em *Sexual Life in Ancient China*, de Robert van Gulik. É também essa visão multifacetada da concubina que aqui encontramos: desde a figura da prostituta forçada e explorada à figura quase romântica e apaixonada, passando pela poderosa dona dos «barcos das flores», de tudo isso nos dá conta Shen Fu. (Todas as notas a esta edição, são notas do editor)

relatos. Ao contrário do lugar tradicional da mulher no casamento – havendo uma tradição chinesa que recomendava a iliteracia e a fraca inteligência como os maiores dons que uma mulher poderia oferecer ao marido –, Yun é culta e de uma sensibilidade à flor da pele, ousando mesmo vestir-se de homem para, com a concordância de Shen Fu, se deliciar com experiências que lhe estão proibidas enquanto mulher.

Funcionário público

Shen Fu, já o dissemos, era um funcionário público. Mas tal como a cortesã não corresponde exactamente ao modelo ocidental de prostituta, o mesmo se passa com o funcionário público. Antes de ser um «*manga-de-alpaca*», o funcionário público tinha de ser um «*literato*», com um domínio da milenar tradição poética chinesa. Os funcionários públicos eram submetidos a exames para aceder à carreira administrativa. Shen Fu nunca conseguiu completar esses exames, apesar das suas tentativas. Era, por isso, um funcionário de funcionários, secretário particular de magistrados. A função de secretário particular era, porém, muito exigente: tratava da correspondência oficial, preparava as sessões de tribunal, redigia as propostas das acções administrativas. Mais importante ainda: o secretário particular não era uma função puramente servil, tendo responsabilidades práticas e éticas. Também desse quadro e dilema nos dará conta este ***No Fio Inconstante dos Dias***.

No período em que o livro se desenrola, no auge da dinastia Qing, a última antes da proclamação da República da China, em 1912, determinara-se que as funções de magistrado tinham sempre de ser asseguradas por funcionários que viessem «*de fora*», de outros distritos, por forma a garantir a sua imparcialidade, sem lealdades ou favoritismos locais. Estes magistrados recrutavam, a expensas pessoais, secretários particulares. E é essa a função que vemos Shen Fu, ao longo da obra, exercer.

Shen Fu e os seus amigos, secretários particulares de magistrados, acompanham o exercício das suas funções entregando-se com prazer e volúpia a todo o tipo de jogos e desafios que atestem o seu conhecimento e deliciada degustação da literatura.

Escusado será dizer que a precariedade das funções de um secretário particular era enorme, sempre no fio da navalha, com remuneração que estaria longe de satisfazer as necessidades e aspirações de homens de alto valor intelectual, que traziam consigo o peso dos maiores poetas e pintores da China. Dessa profunda decepção nos dá conta, por vezes com difuso ressentimento, este *No Fio Inconstante dos Dias: Memórias de Uma Vida Flutuante*.

Pelo seu estatuto, Shen Fu e os amigos, tal como os letrados chineses, tinham uma forma peculiar de utilizar os nomes, que poderá causar alguma surpresa ao leitor. Além do nome próprio de família, os chineses letrados e cultos do Período Imperial adoptavam mais dois nomes, a saber: em primeiro lugar, o *nome literário*, que era quase uma declaração de princípios reveladora

do que o próprio queria atingir como virtude ou atributo; em segundo lugar, o *nome de cortesia* ou *nome de estilo*, o nome atribuído na entrada na idade adulta, por ser considerado desrespeitoso, a partir dessa passagem, dirigir-se a alguém da mesma geração ou mais velho pelo nome próprio.

Seis relatos que são apenas quatro

O título mais comum pelo qual este livro é conhecido no Ocidente – *Seis Relatos de Uma Vida Flutuante* – promete «seis relatos» e, em boa verdade, o que o leitor vai encontrar são apenas quatro. Dois dos seis relatos iniciais ficaram perdidos no fio inconstante dos dias. A primeira publicação conhecida é da década de 1870, estando já perdidos esses quinto e sexto relatos. No passado século xx, em Xangai, surgiu uma publicação com os seis relatos completos, mas verificou-se que os dois relatos finais eram apócrifos, cópias de obras de outros autores, adaptados pelos editores.

O quinto relato autêntico descreveria, crê-se, uma viagem que Shen Fu terá efectivamente feito, em 1800, às ilhas Ryukyu, porventura como secretário de uma missão diplomática da corte de Pequim para reconhecer o novo soberano dessas ilhas; já o sexto relato ofereceria aos leitores um balanço do que a vida conturbada do autor lhe oferecera em sagesa e compreensão, o que o terá levado a partilhar conselhos sobre o modo de enfrentar os infortúnios da existência.

A primeira tradução ocidental é de 1935, em língua inglesa. A partir daí multiplicaram-se as traduções em todo o mundo, da Espanha à Rússia e por toda a Ásia. Esta edição é a primeira em língua portuguesa.

Partindo da singular e minuciosa forma de escrita de Shen Fu – que no livro ele mesmo procura desculpar com exagerada modéstia: «*Tentar descobrir algum estilo na minha escrita seria o mesmo que projectar o brilho de uma luz resplandecente num espelho baço*» – as traduções nas línguas ocidentais não são, é óbvio, coincidentes em estilo nas descrições, pelo que procurámos extrair do cotejamento das diferentes traduções o «*maior denominador comum*» na interpretação das variantes das descrições e dos factos.

Este ***No Fio Inconstante dos Dias: Memórias de Uma Vida Flutuante*** pretende-se fiel no conteúdo ao que um leitor encontrará diferentemente formulado nas várias traduções, a começar pelo título, que junta as variantes das traduções consultadas que vão de *Seis Relatos de Uma Vida Flutuante* a *Seis Estampas de Uma Vida à Deriva*, passando por *Seis Narrativas no Fio Inconstantes dos Dias* e *Seis Capítulos de Uma Vida Inconstante* ou *Seis Contos de Uma Vida Fugaz*.

Há, nesta profusão de títulos, um denominador comum que o título desta primeira edição portuguesa respeita e ecoa. O mesmo espírito domina a nossa versão do texto: estão aqui as peripécias, os episódios, os diálogos, as personagens do original com toda a fidelidade que as versões ocidentais permitem inferir.

Na linguagem, procurámos restituir o que de mais poético cada tradução nos oferece nas diferentes línguas

consultadas, privilegiando sempre a inteligibilidade narrativa e a fidelidade aos factos que Shen Fu quis registar.

Quatro mortes

Pela sua tão invulgar perspectiva, pelo seu realismo, pela sinceridade da exposição individual, o livro colheu os favores dos leitores chineses. O sinólogo belga-australiano Simon Leys, porventura um dos seus mais importantes tradutores, explica esse sustentado e permanente êxito num claro efeito de reconhecimento e identificação: «*os inúmeros leitores chineses encontram aqui uma imagem comovente de tudo o que constitui a trama íntima da sua própria existência*».

A morte é a mais assombrosa figura de estilo de Shen Fu. Quatro mortes vêm, como impetuosas tempestades, abalar este livro de caminhadas, barcos e montanhas. Três dessas mortes irrompem, intempestivas, inesperadas agressões, golpes sem pré-aviso, que se abrem como fendas no périplo do narrador: primeiro o suicídio da concubina que Shen Fu encontra nos «*barcos das flores*», mas sobretudo a morte do pai e a morte do filho.

A quarta morte é a grande catedral lírica desta **Vida à Deriva**: episódio central, íntimo, delicado, bebido lentamente até ao último suspiro, antítese porventura do amor em despedida de um célebre poema de W. B. Yeats: a amada de Shen Fu ainda jovem, em vez da «*old and grey*» de Yeats, mas já «*full of sleep*» e mesmo «*nodding by the fire*», irremediavelmente perdidos os «*moments of*